

Acidentes, Desastres e Tragédias: signos da ganância

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Professor da UFG/Universidade Federal de Goiás]

O filósofo Gilles Deleuze cunhou a expressão “a doença do mundo” para indicar o grau de horror constituído pela sociedade contemporânea.

A escritora Lygia Fagundes Teles, ao observar as guerras por petróleo, áreas de influência para expansão e constituição de mercados de consumo; a violência doméstica, social e urbana; a desigualdade social e a pobreza; a fome e os problemas ambientais, sintetizou, num termo, a horrenda situação: “planeta enfermo”.

Cresce a delinquência social movida pela ética cínica, do mesmo modo que cresce a violência contra a mulher no grau extremo: o feminicídio.

As relações de desconfiança no Outro remetem à desconfiança em si.

E a desconfiança em si se complementa na desconfiança no Outro.

Decorre disso a patologização global da vida e a sociabilidade envenenada. Disso pode resultar as interrogações: quem adoece o mundo? Por quê?

Pausa para reflexão...

Dois eventos de dor coletiva provocam a consciência brasileira e mundial: os rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho (MG) e, com os rompimentos, abre-se um leque de leitura do Brasil, evidenciando as mortes humanas; os graves problemas ambientais; a precariedade do Estado; o medo de viver. O rio de lágrimas advindo desses problemas pode recolocar as interrogações: quem é culpado?

Por quê?

O meio intelectual, no esforço para acertar a interpretação, tem feito uma reflexão conceitual dos termos “acidente, desastre e tragédia” ambiental.

Fora a tonalidade ideológica diferenciada desses termos, o que está posto à consciência coletiva é, além dos episódios sangrentos desses eventos, a necessidade de elaborar sua interpretação crítica.

Quem é o culpado? Por quê?

Pode-se ter respostas particularizadas e argumentar, por exemplo, que as leis ambientais brasileiras, apesar de consideradas avançadas, são meras figuras formais; pode-se argumentar também que o pacto entre as empresas e o Estado é, no fundo, um pacto de classe, o meio pelo qual a elite brasileira e internacional, num só termo, explora o território e os trabalhadores.

Mas a questão pode ser outra: por que os acidentes, os desastres e as tragédias são necessárias e congruentes ao sistema econômico vigente?

Quando um sistema se alimenta da ganância e a alimenta como um signo social, a morte torna-se lucrativa, assim como a geração de problemas ambientais.

A ganância, assim, não é um mero episódio, da mesma maneira que as tragédias.

A doença do mundo do planeta enfermo faz da ganância estrutural o signo da tragédia.

Enfrentemo-la. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.